

# POLÍTICA AFIRMATIVA: EMPODERAMENTO DE JOVENS E MULHERES NEGRAS NA CONTEMPORANEIDADE BRASILEIRA

**Denise Botelho**

Universidade de Brasília (UnB)

dbotelho@unb.br

**Resumo:** O texto apresenta reflexões sobre a mulher negra na contemporaneidade a partir da perspectiva de inteserccionalidade entre raça e gênero, como também a religião do candomblé como espaço de fortalecimento dessas mulheres e, utilização dos mitos religiosos afro-brasileiros das *yabás* (orixás femininos) como instrumento para empoderar mulheres em situação de exclusão contribuindo para minimizar o alto grau de vulnerabilidades em que, ainda, se encontram.

**Palavras-chave:** política afirmativa; candomblé; mulheres negras.

*Ser mulher negra significa muitas coisas diferentes, uma vez que somos diferentes umas das outras: somos pessoas, indivíduos, portanto únicas. Ainda assim, classificadas como um grupo, as mulheres negras, temos em comum fortes marcas decorrentes da existência do racismo, que cria um conceito e uma hierarquia de raça. E onde o que representamos, como negras, é considerado inferior, discriminado e desqualificado. E há também a marca da desqualificação do sexo feminino estabelecida pelo sexismo, que traz também a noção de heterossexualidade compulsória, condenando comportamentos sexuais diferentes.*

Kimberlé Crenshaw

## Mulheres negras na sociedade brasileira

As mulheres negras atuavam nos mercados africanos, em solo brasileiro, os afetos maternos eram impedidos para desempenharem a função de ama de leite, cozinhavam grandes banquetes para os senhores e sinhás e se alimentavam de restos, as negras, negrinhas ou neguinhas estão submetidas a uma lógica de trabalho intenso e baixa afetividade, ainda, que no imaginário<sup>1</sup> nacional a “mulata<sup>2</sup> que seja a tal!!, na verdade a as mulheres negras sempre trabalharam e “(...) não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar” (CARNEIRO, 2003: 50).

Segundo Theodoro (1996), desde a escravidão as mulheres negras têm se esforçado para ser o sustentáculo econômico da família. As grandes batalhadoras nas senzalas, nos cortiços. E, no mundo contemporâneo, elas continuam a enfrentar as barreiras criadas pela discriminação racial. No mercado de trabalho, mesmo quando conseguem uma escolaridade maior ou um treinamento efetivo de suas capacidades, e tentam colocações melhores, esbarram sempre no problema do

1 Para Gilbert Durand imaginário é o “conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (DURAND, 1997: 18).

2 <sup>2</sup> O substantivo mulata foi utilizado apenas para reproduzir um imaginário social, mas consciente que a origem da palavra associa a figura das mulheres mestiças, entre negros(as) e brancos(as), a mulas animal fruto do cruzamento entre o burro e a égua.

preconceito. A sua ascensão social e econômica se processa em ritmo muito mais lento do que para os homens negros e para as mulheres brancas.

Na vida real a ausência de ícones positivos de negritude, a associação exarcebada de uma libido às mulheres negras e o convívio com jovens negras, percebo a necessidade de resgatar histórias que fortaleçam essas meninas-mulheres-guerreiras em suas auto-estimas e em seus auto-conceitos, muito provavelmente, fruto da minha própria trajetória de filha de mãe empregada doméstica, e que muito cedo sofreu com as auguras do racismo no próprio seio familiar, com a vergonha da tia em assumir a sobrinha, filha de mulher negra e de um pai pseudo-negro.

Cabe dizer que por muitos anos a minha percepção era que o meu pai era um homem branco, e a menor quantidade de melanina em sua pele muitas vezes foi a minha salvação para negar a minha negritude, muito mais tarde quando os cabelos já se manifestavam se encarapinhados e que o orgulho da raça era consciente que percebi que o meu pai, um homem mestiço, viveu a maior parte da sua vida enganado de pertencer ao grupo dominante, sem nunca ter poder talvez seja esta “esquizofrenia” que o conduz a tantos momentos de dissabores, mas enfim, retornemos às mulheres aquelas que mesmo sem saber são mulheres lindas, especiais, e, principalmente, com direito a contar as suas próprias belas histórias.

Uma sociedade permeada por uma lógica machista e racista, como é a brasileira, condiciona as negras a uma situação de duplo processo discriminatório, ou como afirma Crenshaw:

A associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação. A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002: 177)

O conceito de interseccionalidade da autora nos faz refletir a quantas mazelas sociais estão submetidas as meninas, as jovens e as mulheres negras brasileiras, a situação de submissão na maioria das vezes não permite um processo emancipatório, ainda que estas mulheres estejam modificado o legado histórico de suas ancestrais.

Muitas jovens que estão na universidade que foram beneficiadas pelo sistema de reservas de vagas<sup>3</sup>, pela ausência de empoderamento feminino não conseguem assumir um protagonismo político em defesa das políticas reparatórias. Sempre me questionava sobre essa contradição, é almejando auxiliar a essas jovens alcançar uma identidade-projeto<sup>4</sup>, vislumbrei algumas atividades

3 Reserva de vagas ou cotas, ainda, é uma ação diminuta mediante a complexa necessidade de políticas de ações afirmativas, mas que ainda assim tem sido um dos poucos caminhos de acessibilidade da população afro-brasileira aos estudos de terceiro grau.

4 A identidade-projeto, quando os atores sociais, com base no material cultural à sua disposição, constroem uma nova identidade que redefine sua posição na sociedade e, conseqüentemente, se propõem em transformar o conjunto da estrutura social (MUNANGA, 2003: 39 - 40).

acadêmicas que traziam para o cenário científico ações e saberes muitas vezes ignorados nas universidades, entre os chamados temas proibidos estavam aqueles relacionados às religiões de matrizes africanas e, em especial, o lugar das mulheres na religiosidade afro-brasileira, tal interesse me indicou um caminho de empoderamento para aquelas jovens e pensar o lugar das mulheres nas comunidades de candomblés foi o resultado satisfatório de elementos de empoderamento, que não está consolidado, mas que tem sido um referencial muito positivo para tratar de resgatar a força das negras mulheres universitárias em seu processo educativo e em suas vidas como um todo.

### **Educação, gênero e raça**

A educação tem importância fundamental para mudanças estruturais, lugar estratégico para a superação de mecanismos que não permitem a ruptura com um passado e um presente racistas. Os indivíduos posicionados na base da pirâmide social são os maiores alvos para as práticas discriminatórias, para a injustiça, para a falta de oportunidades profissionais e sujeitos a uma infinidade de situações que conduzem à subordinação social. Na América Latina dentre os muitos discriminados encontram-se, na maioria das vezes, pessoas negras e indígenas e entre estas as mulheres negras, que estão em maior desvantagem social. São esses indivíduos boicotados em seu direito à cidadania<sup>5</sup>, carregando o estigma da inferioridade, atributo profundamente depreciativo (GOFFMAN, 1975), a eles conferido por um outro que se considera superior, entre brancos e negros um suposto poder branco.

As condições sócio-econômicas determinam desigualdades sociais, mas, não podemos negar que essas desigualdades têm uma base racial na América Latina. A intenção de caracterizar a problemática das relações raciais como um problema das classes trabalhadoras desvaloriza a discussão da questão racial no Brasil (HASENBALG e SILVA, 1988):

Um bom projeto de sociedade democrática não pode ignorar os obstáculos à constituição de uma verdadeira cidadania para a população negra brasileira. O racismo ainda é uma forte barreira a ser superada para a concretização de uma sociedade igualitária.

Temos como pressuposto que a ignorância sobre as peculiaridades das relações raciais, constitui terreno fértil para as práticas racistas. Portanto, estudos que possibilitem a reflexão sobre esse tema são necessários para a mudança do *status quo* da população negra.

Mostra-se necessário aprofundar as discussões sobre relações raciais no âmbito escolar formal e criar oportunidades para a análise crítica da realidade educacional. Dos pesquisadores dessa temática espera-se subsídios para desvendar meandros da teia escolar, de modo a possibilitar reformulações pedagógicas e a melhoria das relações raciais, que influenciam diretamente no processo de aprendizagem das alunas e dos alunos.

Acreditamos que a prática pedagógica que oriente a ação educativa deve:

desenvolver capacidades para a tomada de decisões, propiciar aos alunos e às alunas e ao próprio professorado uma reconstrução reflexiva e crítica da realidade, tomando como ponto de partida as teorias, conceitos, procedimentos e costumes que existem nessa comunidade e aos quais se deve facilitar o acesso. (SANTOMÉ, 1995: 160).

Para a efetivação de uma educação para a diversidade étnico-racial, é preciso mais do que elogios às diferenças, é preciso aprofundar a reflexão sobre as particularidades dos grupos etnicorraciais; assim como é preciso, também, implementar políticas públicas, alterar relações de poder, redefinir escolhas, tomar novos rumos e questionar a cosmovisão dominante (Gomes, 2003). Em suma, é preciso que a sociedade brasileira, em todas as suas áreas de atuação – e, particularmente, ressalto a importância da educação – assuma a sua condição multirracial com respeito e dignidade a todas as pessoas.

Percebo que a ausência de material sistematizado sobre os povos africanos e afro-brasileiros inviabiliza o ideal democrático de igualdade, condição essencial para o alcance da equidade étnico-racial em território brasileiro. Como afirma o Parecer CNE nº 03/2004:

a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causada por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezados em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra. (2002: 12)

Nenhum processo educativo ocorre se o ser do ensino-aprendizagem estiver desenraizado de seus valores, de suas crenças, de seus objetos, do seu próprio ser. Percebo, muitas vezes, no ambiente escolar, que determinados alunos e alunas precisam negar ou camuflar o que são para se enquadrarem na ótica hegemônica da escola. Estes processos esquizofrênicos impedem a vinculação afetiva e o pleno exercício dos talentos intelectuais. É preciso ser na sua integralidade, para ensinar, aprender e transformar.

A hegemonia teórica que privilegia apenas o conteúdo eurocêntrico nas escolas brasileiras tem alijado negros e brancos de um conhecimento sócio-histórico, presente na cultura brasileira, pertencente a outros grupos etnicorraciais, dificultando uma consciência reflexiva e emancipatória da nossa população. É preciso criar novos espaços e eleger outros atores sociais para um conhecimento educacional diferenciado

### **Experiência de Empoderamento de jovens e mulheres negras na contemporaneidade brasileira**

Refletir sobre empoderamento de mulheres negras, a partir de uma perspectiva afro-religiosa, inicia-se, referencialmente pedindo proteção às feministas históricas do candomblé, bênção Mãe Aninha, Mãe Menininha do Gantois, Mãe Senhora, Mãe Beata de Yemonjá, Makota Valdina, Mãe Agripina, Mãe Stella de Oxossi, em especial a Mãe Railda de Oxum, iyaxorixá que zela pela minha integridade espiritual e as muitas outras mulheres negras que ao abraçarem o sacerdócio afro-brasileiro lutam contra o duplo processo de discriminação de gênero e de raça, ainda, que não houvesse uma elaboração intelectual do ativismo feminista e/ou negro, representam ações para a emancipação.

O exercício feminino do sacerdócio no candomblé é uma prática comum, para os segmentos mais ortodoxos, o sacerdócio é exclusivamente feminino, as lideranças religiosas do candomblé que guardaram e continuam zelosamente guardando a história e a cultura do povo negro que não aparece nos livros didáticos e que não são resgatados por conta de um racismo institucional cristalizado na sociedade brasileira. É a mulher a responsável pela “transmissão das tradições religiosas e culturais (...) o elo entre o sagrado e a vida comunitária” (TEODORO, 1996: 59). Estas mulheres também são pilares fundamentais da educação nas comunidades onde estão inseridas.

As sacerdotisas são chamadas de iyalorixás<sup>5</sup>, elas são lideranças máximas do candomblé, detêm o maior conhecimento dos fundamentos da religião e a responsabilidade de transmitir esse conhecimento e o axé<sup>6</sup> à sua família de santo. As equedis<sup>7</sup>, cujos orixás não se manifestam fisicamente, auxiliam as iyalorixás na organização ritual de diferentes formas. Há muitos outros cargos femininos relacionados às oferendas, ao vestir e paramentar as divindades, preparo das comidas sagradas, atividades essenciais para a dinâmica da religião (BOTELHO, 2005), que são assumidas a partir da sua condição feminina, como também em relação ao orixá a que estão vinculadas.

Nos terreiros de candomblé não é uma prerrogativa das mulheres a posse pelas divindades femininas (yabás): também os homens poderão passar pelo transe das yabás e as mulheres poderão manifestar divindades masculinas. Ainda que este texto não permita uma reflexão mais apurada sobre este assunto, é possível afirmar que o processo vivenciado pela alteridade de gênero físico e gênero mítico conduz minimamente as filhas de santos reviverem feitos heróicos associados a seus orixás, a partir da mítica de seu eledá (Divindade que rege filhas/os de santo) e os homens de adentrar no universo feminino por intermédio de vestimentas e aparatos de sua yabá, como também, por atividades atreladas ao universo de sua deusa. No momento do transe os corpos são tomados pelos orixás e suas filhas e filhos estão submetidos a uma não-razão, mas no tempo da consciência plena, a alteridade se faz presente pelos preparativos que envolvem os orixás femininos e masculinos. Cabe ressaltar, também, que todas as divindades estão em condições de igualdade, não há uma hierarquia que submeta a *condição* feminina à masculina e vice-versa, sem com tudo eliminar as disputas, mas nas guerras homens e mulheres estão em condições de igualdade. Entretanto, existem situações específicas onde a mulher é detentora do poder da vida como no caso das Iyamis (mães feiticeiras), como afirma Cunha:

Ela é o poder em si, tem tudo dentro de seu ser. Ela tem tudo. Ela é um ser auto-suficiente, ela não precisa de ninguém, é um ser redondo primordial, esférico, contendo todas as oposições dentro de si. Awon Iya wa são andróginas, elas têm em si o Bem e o Mal; dentro delas, elas têm a feitiçaria e a anti-feitiçaria; elas têm absolutamente tudo, elas são perfeitas (1984: 8).

---

5 Conhecidas, também, como mãe-de-santo e o correlato masculino é babalorixá.

6 Força dinâmica e fundamental que dá sustentação ao mundo na cosmovisão Ioruba.

7 Mulheres que não entram transe com as divindades.

A força depositada não apenas na míticas das Iyamis, mas também em todas as yabás merece uma reflexão no caminho do empoderamento de jovens e mulheres negras da contemporaneidade.

A educação é vivenciada, é rica de significados e permite que, no devido tempo, o sagrado seja assimilado em sua complexidade. E isto se dá, principalmente, pela atuação da iyalorixá – o que aparece tanto na sua fala, como nas falas dos demais entrevistados. Teóricos diversos têm nos mostrado que a cultura africana se funda em valores matriarcais, portanto noturnos, fundantes. Numerosos exemplos são encontrados nos mitos dos orixás e no próprio panteão das várias religiões africanas, nos quais as orixás femininas atuam *pari passu* com as masculinas e, não raro, são o contraponto ou o complemento destes. Ou seja, valores matriarcais que se orientam e permitem a manifestação de uma outra característica fundante da cultura africana: a conciliação dos contrários, expressos pela estrutura mítica sintética do imaginário. Portanto, como Nanã, a presença da Grande Mãe fundadora, de cujo seio é extraído o alimento da terra e cujos braços apóiam a caminhada daqueles que pretendem empreender sua jornada.

Os tambores que dão o ritmo cíclico (do coração) durante os rituais, as rodas de dança, o retorno constante dos orixás, o respeito aos ancestrais, a eufemização da morte, são outros tantos exemplos que podem ser citados e que confirmam a presença do Regime Noturno nos terreiros de candomblé e, por extensão, nas manifestações religiosas afro-descendentes.

Pensando nestes aspectos propícios para o ensinar-aprender, remetome, novamente, aos regimes de imagens propostos por Durand (1997), cuja interpretação permite inferir que o símbolo de identidade grupal, do referente terreiro, é a cabaça, afirmativa reforçada pela referência a esse objeto, A partir de Ferreira Santos é possível afirmar que a cabaça é uma forte representação imagética do universo afro-brasileiro:

altamente emblemática da natureza matriarcal do imaginário negro-africano é a cabaça universal. É uma cabaça cortada em dois lados que contém os segredos da vida [...] A cabaça na tradição dahomey aparece como uma chave para compreender o mundo. (2004: 141).

A cabaça, em suas formas arredondadas e com a sua relação direta com o útero da grande mãe, traz em seu bojo os princípios da acomodação, do acolhimento e do aconchego. Em outras palavras, é o adentramento na intimidade da terra que protege e minimiza os aspectos trágicos da vida ou, melhor dizendo, possibilita a vida. É a inversão dos aspectos negativos da vida (escoar do tempo e aproximação da morte) que se contrapõe à estrutura heróica do Regime Diurno de imagem, com seus aspectos ascensionais, dicotômicos, de separação e exclusão, atualmente bastante presentes na lógica pedagógica da educação brasileira.

### **Mitos como fortalecimento das identidades de mulheres negras**

Mulheres e homens iniciados no candomblé conhecem, identificam e têm como norteadora a mitologia dos orixás:

a mitologia e o ritual levam a uma transformação do indivíduo, desprendendo-se de suas condições históricas locais e conduzindo-o para algum tipo de experiência inefável. Funcionando como uma 'idéia étnica', por outro lado, a imagem prende o indivíduo ao seu sistema familiar de valores, atividades e crenças historicamente condicionados, como um membro ativo de um organismo sociológico (CAMPBELL, 1992: 373).

Os mitos manifestam o sagrado no mundo, contam a história sagrada do início da existência. Relatam um acontecimento ocorrido no tempo da criação, dizendo “como uma realidade passou a existir graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais. Seja uma realidade total ou o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição” (ELIADE, 1972: 11).

Para explicitar os caminhos percorridos neste trabalho, é importante socializar a idéia de Campbell (1997) de que o mito está presente e permeia todas as manifestações culturais humanas, as crenças religiosas, as concepções filosóficas, as expressões artísticas, as descobertas científicas e tecnológicas e os próprios sonhos da humanidade. O mito assume o papel de decodificador do desenvolvimento humano:

Podemos, portanto, considerar qualquer mito ou rito como uma pista para o que pode ser permanente ou universal na natureza humana (nesse caso, nossa ênfase será psicológica, ou talvez mesmo metafísica), ou, por outro lado, como uma função do cenário local – a paisagem, a história e a sociologia do povo em questão – nesse caso, nossa abordagem será etnológica ou histórica. (CAMPBELL, 1992: 372)

Com o objetivo de transcender os reveses da vida em busca de conquistas favoráveis à realização de sua emancipação as mulheres têm como referência as histórias de suas santas guerreiras, guardiãs, mães protetoras. Nos caminhos da vida, há sempre obstáculos a serem superados, e a busca consiste em:

favorecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás. Com efeito, pode ser que a incidência tão grande de neuroses em nosso meio decorra do declínio, entre nós, desse auxílio espiritual efetivo. (CAMPBELL, 1992: 21)

O olhar reencantado possibilita novas reflexões sobre a humanidade e a nova episteme leva-nos à percepção inédita que poderá vir a quebrar o condicionante de dores, de pouca valia, de identidades fragmentadas das mulheres negras.

Como na mitologia da deusa das águas doce que oferece uma nova perspectiva paradigmática a pobreza, da maioria das mulheres negras

Oxum, com sua força geradora, distribui riquezas e prosperidade. Ore ye yeo! Podemos perceber, em um de seus orikís (louvações), a sua graça e os seus poderes. Poderosa iyabá, nós a louvamos: Ela faz por alguém aquilo que o médico não faz. Orisa que cura a doença com água fria. Se ela cura a criança, não apresenta a conta ao pai.

Podemos permanecer no mundo sem temor. Iyalode que cura as crianças, ajude-me a ter um filho. Ela é testemunha da felicidade renovada de alguém. Ela diz à cabeça má que se torne boa. Quando Osun vai embora, ela me chama e segura minha mão. Mulher descontente no dia em que seu filho briga. Osun não consente que as coisas más do mundo recaiam sobre mim. Com as pessoas, ela desvenda de onde vem a maldade. Ela tem remédios gratuitos e dá de beber mel às crianças. Ela segue aquele que tem filhos sem o deixar. Ela permanece na galeria da casa e ensina às crianças aquilo que elas não sabiam. Ela tem um pátio interior onde vamos receber sua bênção. Alguém junto a quem eu me refugio Ela chega e a perturbação se acalma. (VERGER, 1999: 403)

Os mitos das yabás apresentam uma realidade profícua de imagens e símbolos sagrados presentes no cotidiano e na vida das adeptas do candomblé. A partir das yabás - organizadoras psíquicas – é que os(as) iniciados(as) e também os(as) não-iniciados(as) do candomblé vivenciam uma possibilidade conciliadora entre os opostos, tais como: morte e nascimento; jovem e ancião; homem e mulher; terra e céu; e uma infinidade de outras situações de aparente oposição, mas que são apreendidas e assimiladas de forma complementar, e não excludentes, possibilitando a circularidade da vida, que nasce na ancestralidade e realiza-se nas novas ações e idéias da contemporaneidade.

Acredito que, para o fortalecimento da educação para a diversidade, princípios pedagógicos relacionados ao regime noturno<sup>8</sup> - neste caso, de características matriarcais -, tais como comunidade, fraternidade e comunhão são favoráveis para uma prática educativa que concilie os contrários, que estimule a harmonização dos diferentes e possibilite o convívio afetuoso entre os muitos e as muitas diferentes presentes no nosso cenário educacional. Nas sociedades contemporâneas têm dominado atitudes e atributos masculinos, ligados ao regime solar, diurno<sup>9</sup>. Princípios como poder, competição, progresso, êxito, são a tônica do mundo masculino. Entretanto, sem o contraponto dos princípios femininos, como o amor e a coesão, esses princípios masculinos podem ser muito perigosos, pelas práticas de exclusão e de intransigência que estimulam. Entretanto, a união de ambos, melhor dizendo, a restauração do equilíbrio dos opostos, que é a característica principal da estrutura sintética de imagens, do Regime Noturno, pode ser o caminho para o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária e democrática

Pensar a diversidade racial e de gênero na área educacional é possibilitar inclusões, respeitos, conteúdos e solidariedades às crianças e jovens que carregam o estigma da diferença, seja pela sua cor de pele, seja pela sua religiosidade, seja pela sua orientação sexual, seja pelo seu grupo étnico ou apenas por serem diferentes daquilo que é considerado o ideal ou padrão.

Acredito buscar caminhos de emancipação para as mulheres negras deva auxiliar os educadores e educadoras a compreenderem melhor sua própria experiência educativa e a

---

8 Para Durand (1997) o regime noturno compreende as estruturas mística e sintética ou dilemática, e é o regime da negação dos medos da vida, é o processo de introspecção como negação do exterior que aterroriza. Contrário ao regime diurno, a postura dominante na estrutura mística é a do acolhimento, do recolher-se à terra; a queda é descida suave para a intimidade.

9 O regime diurno, que compreende a estrutura heróica, é o regime da separação, da representação dicotômica entre a luz e as trevas, da oposição entre elevação e queda, e relaciona-se com a postura ascensional, buscando alcançar o céu. (DURAND, 1997).



desenvolver identidades culturais mais positivas. Assim práticas simbólicas-educativas, solidárias e afetivas que permitam a emancipação das mulheres são componentes essenciais para uma verdadeira revolução paradigmática.

Para a nova ordem social, onde as mulheres negras estão em outro lugar de reivindicações os mitos religiosos afro-brasileiros podem alicerçar uma lógica de poder e fortalecer identidades fragmentadas e consolidar auto-conceitos positivos. Axé!

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOTELHO, D. *Educação e Orixá: Processos Educativos no Ilê Axé Iya Mi Agba*. São Paulo, FEUSP, 2005 (Tese de Doutorado).
- CAMPBELL, J. *As Máscaras de Deus*. Carmen Fischer (Trad.). São Paulo: Palas Athena, 1992.
- CAMPBELL, J. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1997.
- CARNEIRO, S. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma Perspectiva de Gênero. In: *Racismo Contemporâneo* (org.) Ashoka e Cidadania Empreendimentos. Rio de Janeiro: Takano Ed. 2003. Coleção Valores e Atitudes. Serie Valores nº 1.
- CRENSHAW, K. *Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero*, 2002.
- CUNHA, C. M. “A feitiçaria entre os nagô-yorubá”. In: *Dédalo*, vol. 23. São Paulo, USP, 1984.
- DURAND, G. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário: Introdução à arqueologia geral*. Hélder Godinho (Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- MUNANGA, K. Algumas considerações sobre a diversidade e a identidade negra no Brasil, BARROS, G. M. N.; ADÃO, J. M.; RAMOS, M. N. (Coords.). *Diversidade na Educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.
- TEODORO, H. *Mito e Espiritualidade: Mulheres Negras*. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.
- VERGER, P. *Notas sobre o Culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África*. Carlos Eugênio Marcondes de Moura (Trad.). São Paulo: EDUSP, 1999.